

A negação das interpretações em algumas neuroses obsessivas: "Não, não é isso!"¹

Marcia Zucchi

Chama a atenção em alguns casos de neurose obsessiva, descritos por Freud, a necessidade de que o esclarecimento acerca do sentido do sintoma chegue ao paciente como vindo dele próprio. Assim, a negação da interpretação seria uma condição necessária.

A questão apresentada no início deste trabalho é relativa a alguns pacientes cujos sintomas se inscrevem na série típica dos sintomas neuróticos obsessivos: lutos prolongados com pensamentos obsessivos de culpa em relação a algum parente morto; dificuldade de se desfazer de objetos familiares; impulsos de organização intermináveis; dificuldade de concluir atividades que de modo geral se desdobram infinitamente em outras; dificuldade de estabelecer relacionamentos amorosos, por intensa idealização dos vínculos; fortes impulsos agressivos que em geral surgem como efeito da inveja e do ciúme; uma intensa atividade intelectual, além de práticas compulsivas variadas.

Observamos às vezes nesses casos que o analisante nega qualquer interpretação ou construção em sua primeira versão advinda do analista. E que, independentemente do caráter mais ou menos alusivo da interpretação, esta é sempre recusada num primeiro momento.

Pesquisando alguns dos trabalhos de Freud verificamos que a recusa da interpretação ou o reconhecimento desta através da negação, são extremamente frequentes nesses casos.

Seguindo Freud no texto sobre a denegação vemos que este é um mecanismo primitivo do aparelho psíquico pelo qual são expulsas para o exterior do eu as experiências desprazerosas². Freud inicia este artigo afirmando que em psicanálise o "não" que antecede uma recordação, o relato de um sonho ou a resposta a uma interpretação, pode ser desprezado em favor da ideia central. Não parece casual que nesse mesmo texto Freud se sirva da neurose obsessiva para exemplificar tal modo de acesso ao material inconsciente. Relata assim a fala possível de um paciente obsessivo:

'Arranjei uma nova ideia obsessiva' - diz ele -, e ocorreu-me em seguida que ela poderia significar isso ou aquilo. Mas, não; isso não pode ser verdade ou não me teria ocorrido'. O que ele está rejeitando em fundamentos colhidos de seu tratamento é, naturalmente, o significado correto da ideia obsessiva³.

Freud afirma que a negação é um modo de aceitação de parte do material recalçado, isto é, da parte intelectual, desligada do afeto correspondente. Em suas palavras: "Um juízo negativo é o substituto intelectual do recalque"⁴.

Ainda segundo Freud, "Julgar é a ação intelectual que decide a escolha da ação motora que põe fim ao adiamento devido ao pensamento e conduz do pensar ao agir"⁵. Assim sendo, o processo de pensamento é o que evita a descarga pulsional. Sabemos que a infinitização do pensamento - seja pela via da dúvida, seja pela procrastinação dos atos conclusivos - é um dos modos do sujeito lidar, na neurose obsessiva, com a demanda do Outro, modo através do qual ele declina de seu desejo.

Do amor à suposição de saber

No *Seminário 8*, Lacan trata a transferência na vertente do amor destacando a referência ao *agalma*

apresentado como joia, objeto precioso que o amado traz em seu interior. Alcebíades ancora sua paixão na descoberta dos "agalmatas" que encontra em Sócrates, objetos "divinos", "de ouro", "totalmente belos", "extraordinários", restando-lhe apenas a "submissão" a seu portador. Lacan ressalta o "inominado" desses objetos bem como seu "brilho", o que os faz possuir um caráter fascinante. Na topologia do sujeito tais características do objeto introduzem a discrepância entre demanda e desejo fazendo com que a posição do amante seja de saída uma pergunta sobre a satisfação do amado que se pode escrever "Che vuoi?!", "O que quer de mim?!". O ponto a sublinhar é o engano do amor sobre um objeto (Sócrates/analista) que reflete outro (Agatão/ objeto original perdido)⁶.

No *Seminário 11*, Lacan ressitua a dimensão da transferência em torno do sujeito suposto saber. O analista como sujeito suposto saber é o suporte dessa *grandeza negativa* que, servindo-se da expressão Kantiana, é como Lacan aponta a enigmática significação do sujeito no desejo do Outro, ou seja, aquilo que o sujeito busca encontrar na análise. A ideia de uma grandeza negativa parece-nos também poder estar ligada ao mais-de-gozar, esse excedente que se escreve no sintoma, no esforço desse último em fazer consistir o impossível (a relação sexual, por exemplo).

Importante o paradoxo destacado neste seminário: a transferência correspondente simultaneamente, ao momento de fechamento do inconsciente, pela tomada da figura do analista na perspectiva do vínculo amoroso (positivo ou negativo), que faz cessar a associação livre; mas, também, é o momento em que a interpretação pode assumir todo seu valor. Isso ocorre simultaneamente porque o amor vela o desejo inconsciente que sintomaticamente o lugar do analista desvela. Como afirmará Lacan no *Seminário 23*, o psicanalista é um sintoma⁷, um sintoma de que o amor é

semblante que recobre a inexistência da relação sexual, e que aponta para existência do inconsciente como suplência.

No *Seminário 11*, a perspectiva lacaniana é ainda a do desejo. O que se destaca na análise é a relação do sujeito ao seu desejo. Nesse sentido, a fantasia, tela que recobre a castração, é o modo específico como cada neurótico se relaciona a seu próprio desejo. Na fantasia o sujeito se posiciona frente ao que se apresenta como indecifrável do gozo do Outro. Na neurose obsessiva, cujo matema é: $A \diamond \varphi$ (a, a', a''...), o Outro é marcado pela falta e o sujeito oferece a série infinita e equivalente de seus objetos eróticos, para suturar o vazio do Outro. Nesse mesmo movimento o sujeito se pereniza como sujeito, negando o desejo do Outro, já que em relação a esse desejo sua fantasia é a de ser o falo infinitizado nos pequenos "as"⁸.

Como ressalta Lacan, ao mesmo tempo em que o sujeito suposto saber traz à cena analítica a questão da significação do sujeito, ali se presentifica algo da morte, já que a significação em jogo é um "ponto absoluto sem nenhum saber"⁹.

No último capítulo do *Seminário 5* sobre as formações do inconsciente, Lacan já tratara a denegação presente no discurso do obsessivo como manifestação da demanda de morte que se reveste para ele do sentido de morte da demanda. A demanda de morte diz respeito ao desaparecimento do desejo e de sua manifestação sob a forma da demanda que aparece no campo do Outro, já que esta implicaria a própria castração do sujeito.

É possível pensar que, prisioneiro da demanda do Outro, o neurótico obsessivo tende a tomar a interpretação como apontando para um desejo do analista, que conseqüentemente, anularia o seu. Nesse sentido o próprio desejo do analista que sustenta a análise é uma ameaça ao neurótico obsessivo, pois torna vivo e presente o analista.

Conclusão

A negação das interpretações dos sujeitos em questão, associadas ao forte apego transferencial parecem indicar um manejo desse vínculo, por parte do analisante, que visa por um lado o "não-engano" do analista quanto à significação da posição do sujeito no desejo do Outro. Mas, por outro lado, trata-se de uma estratégia de manutenção do recalque e da "infinetização do valor do sujeito como falo do Outro" o que reflete o modo específico à neurose obsessiva de negação da castração.

Como aponta Lacan no *Seminário 11* é na separação entre *I* e *a* que o analista faz operar a análise. Se a transferência escreve a pulsão como demanda de amor, o desejo do analista é o que traz de volta a pulsão e o desejo do sujeito. É desse modo que o analista, chamado a encarnar o objeto, os põem em jogo, tombando do lugar de Ideal¹⁰. A negação na interpretação a nosso ver pode ter simultaneamente a função de garantir e de velar essa separação entre *I* e *a*, produzida na interpretação.

¹ Trabalho apresentado nas XX Jornadas clínicas da EBP-Rio, setembro de 2010.

² Freud, S. (1976[1925]). "A Negativa". In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

³ Idem. *Ibidem*, p. 295.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 297.

⁵ Idem. *Ibidem*, p. 299.

⁶ Lacan, J. (1992[1960-1961]). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁷ Idem. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁸ Idem. (1998[1960]). "Subversão do sujeito e dialética do desejo". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 838.

⁹ Idem. (1985[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 239.

¹⁰ Idem. *Ibidem*, p. 258.